

**A Formação Acadêmica em Jornalismo:
Análises de Grades Curriculares e Proposta de Graduação**

**Academic Education in Journalism:
Analysis of Curriculum Grades and Proposal for Graduation**

Amanda Ferreira MEDEIROS¹
Daniela Pereira BOCHEMBUZO²

RESUMO

Este artigo visa realizar, por meio das pesquisas documental e bibliográfica, uma comparação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2001 e de 2009 de Jornalismo e formação de jornalistas, a partir de amostra composta por três grades curriculares, a saber: do Centro Universitário Sagrado Coração, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e da Universidade Federal da Bahia. A partir dos resultados obtidos por meio do percurso metodológico, é proposto um novo modelo de graduação que concilia teoria e prática, e abarca temáticas relevantes para a profissão no *timing* correto.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Diretrizes Curriculares Nacionais; Ensino superior brasileiro; Jornalismo.

ABSTRACT

This article aims to carry out, through documentary and bibliographic research, a comparison between the National Curriculum Guidelines (DCN) of 2001 and 2009 for Journalism and the training of journalists, based on a sample composed of three curricula, namely: the Centro Sagrado Coração University, from the São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” and from the Federal University of Bahia. Based on the results obtained through the methodological approach, a new graduation model is proposed that reconciles theory and practice, and covers topics relevant to the profession at the correct timing.

KEYWORDS

Communication; Brazilian higher education; Journalism; National Curriculum Guidelines.

1 Recém-graduada do curso de Bacharelado em Jornalismo pelo Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado) e integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM). E-mail: amandafmed@hotmail.com

2 Orientadora do trabalho. Professora do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM). Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestra em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). E-mail: daniela.bochembuzo@unisagrado.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte parcial da iniciação científica “O futuro do jornalista: um estudo sobre a prática profissional em face à formação acadêmica” realizada no biênio 2019-2020, cujo objetivo era, à época, questionar se os jornalistas produtores de conteúdo não noticioso tiveram subsídios para tal durante a graduação e como as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) se inserem nesse contexto. O estudo contou com apoio financeiro do Fundo de Amparo à Pesquisa do Unisagrado (FAP/Unisagrado).

Uma das principais motivações para a execução da pesquisa é o fato de que o jornalista inserido no contexto contemporâneo da cibercultura assume, conscientemente ou não, o compromisso de se adaptar às plataformas digitais, à rotina de trabalho e às transformações culturais diárias que impactam diretamente na profissão (MEDEIROS; CARRASCO, 2019) e que nem sempre estão incluídas nos cursos de graduação dada a rápida velocidade com que as tecnologias evoluem.

Aqui, a partir desse recorte, realizou-se uma comparação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2001 e de 2009 de Jornalismo para identificar como o ensino da profissão se dá ao analisar três grades curriculares brasileiras: a do Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado), instituição à qual a aluna pesquisadora e a professora orientadora estão vinculadas; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), cujo único campus com o curso de Jornalismo está localizado em Bauru, onde as autoras residem, e que estuda oferecer o curso com uma duração de quatro anos e meio, uma vez que nota a necessidade de se expandir a quantidade de disciplinas da grade curricular tendo como base os eixos de formação esperados do egresso, além de permitir um parâmetro comparativo regional; e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), por possuir o curso de Jornalismo com a maior nota no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), de acordo com o Ranking Universitário Folha (2018). A escolha pela quantidade de instituições a serem analisadas deveu-se pelo tempo hábil disponível para a pesquisa à época.

A análise tem como pressuposto que os aparatos tecnológicos modificaram a rotina jornalística (MEDEIROS, BOCHEMBUZO, 2021; MELO, 2015; COSTA, 2014) e, conseqüentemente, a formação acadêmica desses profissionais deve se calcar nesses aspectos.

COMPARAÇÃO ENTRE AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE JORNALISMO

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2001, as orientações eram voltadas para os cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

As diretrizes da área de Comunicação, que abarcam o Jornalismo, as Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Cinema, Radialismo e Editoração, foram construídas tendo duas premissas norteadoras: a de flexibilizar a estruturação dos cursos para atender variações geográficas e políticas-sociais e viabilizar propostas pedagógicas inovadoras; e estabelecer orientações para se obter um padrão de qualidade (BRASIL, 2001).

Acerca do perfil comum dos formandos dos cursos mencionados, espera-se que o profissional saiba produzir conteúdo para diferentes mídias, sendo essas práticas totalmente atreladas às suas inserções culturais, políticas e econômicas, bem como

2. sua habilidade em refletir a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais na área, adequando-se à complexidade e velocidade do mundo contemporâneo;
3. sua visão integradora e horizontalizada - genérica e ao mesmo tempo especializada de seu campo de trabalho possibilitando o entendimento da dinâmica das diversas modalidades comunicacionais e das suas relações com os processos sociais. (BRASIL, 2001, p.16).

Quanto ao perfil específico do egresso de Jornalismo, o Ministério da Educação (MEC) prioriza características como a objetividade, a atualidade e a tradução de informações como aspectos inerentes à profissão.

No segundo capítulo, que corresponde às competências e habilidades, indica-se, basicamente, que os profissionais da área da Comunicação devem ser críticos perante a realidade e ter o domínio da linguagem e de técnicas de produção (BRASIL, 2001).

Já a respeito das normas específicas da habilitação em Jornalismo estão o registro, apuração, interpretação e edição de fatos sociais que se transformarão em reportagens, formulação de pautas, relacionamento com fontes de informação, desenvolvimento de projetos na área da comunicação jornalística, dentre outros.

[...] compreender os processos envolvidos na recepção de mensagens jornalísticas e seus impactos sobre os diversos setores da sociedade; buscar a verdade jornalística, com postura ética e compromisso com a cidadania; dominar a língua nacional e as estruturas narrativas e expositivas aplicáveis às mensagens jornalísticas; dominar a linguagem jornalística apropriada aos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação. (BRASIL, 2001, p. 20).

No capítulo três, intitulado Conteúdos Curriculares, há a definição de conteúdos básicos e específicos. O primeiro “é aquele relacionado tanto à parte comum do curso quanto às diferentes habilitações. Os conteúdos específicos são aqueles que cada instituição, livremente, deve eleger para organizar seu currículo pleno” (Ibidem, 2001, p. 23). Por fim, também é tratada a questão do estágio e de atividades complementares, que podem ser feitas pelo estudante visando a aproximação com a realidade social e a interação com o mercado de trabalho.

O segundo documento, referente às DCN de Jornalismo de 2009, é específico do curso. Algumas novidades acerca da estrutura são o uso de metodologias que privilegiem a participação do aluno, a promoção da interdisciplinaridade no desenvolvimento curricular e da vivência com equipes multiprofissionais (BRASIL, 2009). O projeto pedagógico traz novidades: regulamentação do estágio curricular supervisionado, até então não obrigatório, e incentivo à pesquisa e à extensão.

Ressalta-se aqui que houve um grande avanço nas DCN de 2009, pois, além de possuir as premissas que regem a profissão desde seus primórdios (ética profissional, apuração dos fatos etc.) e que já estavam presentes nas DCN de 2001, realizam inferências sobre as atuais necessidades do mercado, tendo em vista a tecnologia como fator determinante.

II - enfatizar o espírito empreendedor e o domínio científico, de forma que sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas e ampliem a atuação profissional em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente; [...] V - preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente; VI - ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão. (BRASIL, 2009, p. 2).

O Jornalismo impresso erige-se como uma área de atuação em decadência para o documento de 2009, tanto que sugere que as instituições de ensino não a considerem como a representação do trabalho e das funções que se espera do jornalista.

Tal fato pode ser explicado devido aos avanços tecnológicos que modificaram o modo de produzir e consumir conteúdo. O jornal impresso, por mais que historicamente tenha exercido papel fundamental para o desenvolvimento da imprensa, foi afetado diretamente e teve diversas dificuldades para se adaptar ao contexto de convergência midiática.

O cenário da realidade digital, de certa forma, força as empresas jornalísticas clássicas a encararem o momento de disrupção devido às novas relações de distribuição de conteúdo (COSTA, 2014), que não são as mesmas de 20 anos atrás.

Essa reconfiguração da Comunicação também abala o jornalista, que tem de entender que qualquer indivíduo pode escrever, fotografar e filmar assuntos e fatos, e que isso “não elimina a necessidade do jornalismo, mas altera a sua função. Se o jornalista não entender bem este papel de coadjuvante, não vai conseguir trazer sua experiência para o palco no sentido de filtrar e contextualizar” (COSTA, 2014, p. 88).

No que tange às oportunidades de emprego, o documento indica que as instituições devem, ainda, enxergar a relação de oferta e demanda de mão de obra a fim de alertar os estudantes e promover atividades que estimulem a atividade autônoma (BRASIL, 2009).

Destrinchando as competências gerais, cognitivas, pragmáticas e comportamentais, tem-se o Estado Democrático de Direito, os direitos humanos, a pluralidade de ideias e opiniões e a diversidade regional como itens que devem ser obrigatoriamente respeitados, pois são os alicerces do fazer comunicacional.

Também é requisitado o domínio de, no mínimo, duas línguas estrangeiras, do instrumental tecnológico (*hardwares, softwares...*) e saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação. Quanto ao perfil do egresso, as diretrizes se organizam em seis eixos:

Fundamentação Humanística: Capacitar o jornalista para exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania.

Fundamentação Específica: Proporcionar ao jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade de sua profissão.

Fundamentação Contextual: Embasar o conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, em suas dimensões filosóficas, políticas, psicológicas e socioculturais, o que deve incluir as rotinas de produção e os processos de recepção.

Formação Profissional: Fundamentar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística.

Aplicação Processual: Fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho.

Prática Laboratorial: Adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores.

No artigo 9º, o documento traz que a conciliação entre teoria e prática deve estar prevista na grade curricular, tanto que o aluno do curso de Jornalismo terá que realizar, no mínimo, 200 horas de estágio obrigatório em uma empresa que exerça funções compatíveis com as jornalísticas (BRASIL, 2009).

Ao comparar as duas DCN, observa-se que o Jornalismo assume a postura de uma ciência aplicada “com a retomada do vínculo com as profissões que lhe deram origem e justificam a sua existência” (MEDITSCH, 2014, p.1).

O segundo documento também representa uma quebra de paradigmas ao considerar o graduando como um produtor intelectual em potencial sem descartar a importância da pesquisa científica na área da Comunicação. Tais orientações conferem autonomia ao fazer jornalístico. Para Melo (2015), essas mudanças vieram em boa hora, uma vez que o modelo vigente da época não atendia às mutações tecnológicas e não representava a práxis jornalística.

1) Romper a tradição gutenberiana que nos tem mantido prisioneiros de estruturas tecnologicamente anacrônicas. Precisamos potencializar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais (...) 2) Ultrapassar a caricatura balzaquiana que nos tem induzido a privilegiar a formação aristocrática de jornalistas comprometidos com os interesses das elites cultas ou medianamente educadas. Precisamos engendrar estratégias discursivas sintonizadas com o repertório das populações desinformadas. (MELO, 2015, p. 17).

Com base em tudo isso, é relevante analisar os pontos divergentes e convergentes dividindo-os em categorias (vide Quadro 1).

Quadro 1 – Comparação dos principais pontos das DCNs

Categorias	DCN (2001)	DCN (2009)
Destinatários do documento	11 cursos, entre eles, o de Comunicação Social.	1 curso (Jornalismo).
Formação acadêmica	Divisão de conteúdos entre “básicos” e “específicos”.	Divisão das diretrizes em seis eixos temáticos que se preocupam com o uso de novas metodologias, equipes interdisciplinares e multiprofissionais.
Perfil dos formandos	Atuação baseada na ética, objetividade, criticidade, apuração e tradução das informações para diferentes mídias.	Produtor intelectual e agente da cidadania que deve reconhecer que sua função social se insere em contextos ainda não delineados, devido à mutação tecnológica.
Campos de atuação	Não há especificação, apenas a menção a “diferentes meios”.	Incentiva a atuação em novos campos, como o digital, e a atividade autônoma.
Domínio de técnicas	Domínio da língua nativa e das técnicas jornalísticas.	Domínio da língua nativa e de outros dois idiomas estrangeiros, do uso das tecnologias da informação e da comunicação.
Estágio	Não obrigatório.	Obrigatório, mínimo de 200 horas.
Incentivos gerais	Não há.	Pesquisa e extensão.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Graduação em Jornalismo: Grades Curriculares e Estrutura do Curso

Tendo em vista que as atuais DCN foram formuladas em 2009, publicadas em 2013 e entraram em vigor em 2015, a perspectiva que se sobressai perante os documentos é a de que o advento das novas tecnologias já estava na mira dos membros da comissão do MEC. Desse modo, há respaldo e justificativas plausíveis para tais alterações nas diretrizes.

Outra questão que também se insere neste cenário de modificações na formação acadêmica de jornalistas é a duração do curso e suas especificidades. A grade curricular do curso de Jornalismo do Centro Universitário Sagrado Coração, instituição à qual as autoras deste artigo estão vinculadas, foi modificada (UNISAGRADO, 2020).

As transformações notadas envolvem a inserção de novas disciplinas e supressão de outras. As recém-chegadas são: Introdução e História da Mídia, Produção em Mídia Sonora, Interfaces Digitais, Laboratório em Assessoria, Novas Narrativas e Produção Multimídia, Princípios de *Marketing*, Central Integrada de Mídias, Tendências Contemporâneas em Jornalismo e Libras (optativa).

Certas disciplinas possuem novas nomenclaturas, como “Deontologia do Jornalismo” (Ética Profissional em Jornalismo), “Técnicas e Práticas em Jornalismo” (Métodos e Técnicas em Reportagem, Pesquisa e Entrevista Jornalística) e “Design da Informação: Gráfico e Editorial” (Design para Jornalismo). A mudança não é proforma, mas traduz adequações à nova realidade e aos debates em torno da profissão.

Entretanto, para a inserção das novas disciplinas, outras tiveram de ser extinguidas ou são apresentadas reformuladas, como são os casos de Laboratório de Jornalismo Radiofônico II, Laboratório de Jornalismo Televisado II e Redação de Jornalismo Digital. Além disso, o Estágio Obrigatório, que antes era dividido em dois semestres com 100h de carga horária cada, hoje se aglutina em 200h no 7º semestre.

Algumas das justificativas para essas mudanças em comparação com a grade curricular vigente de 2016 a 2019, além da exigência do MEC, são, de acordo com o Unisagrado (2020): a atualização de disciplinas condizentes com as demandas atuais da profissão, a ampliação de disciplinas comuns devido à interdisciplinaridade com áreas afins do Jornalismo, a proposição de disciplinas específicas e semipresenciais devido ao perfil de mercado e dos estudantes e o cumprimento das horas de estágio em um semestre.

No geral, as disciplinas são classificadas como básicas, comuns e específicas. A básicas são as todos os cursos da instituição devem realizar: Ética e Cultura Religiosa; Sociologia da Responsabilidade Social; Comunicação e Expressão; e Métodos e Técnicas da Pesquisa.

As comuns são obrigatórias apenas para os cursos de Comunicação (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), são elas: Estética e Semiótica; Introdução e História da Mídia; Tecnologias da Informação e da Comunicação; Legislação e Ética em Comunicação; Cidadania,

Cultura e Política; Teorias da Comunicação; Edição de Áudio e Vídeo; Produção em Mídia Sonora; Fotografia; Design da Informação: gráfico e editorial; Produção em Mídia Digital; Produção em Mídia Audiovisual; Princípios de *Marketing*; Interfaces Digitais; e Sociologia da Comunicação.

As disciplinas específicas são aquelas cursadas apenas pelos alunos do curso de Jornalismo, são elas: Técnicas e Práticas em Jornalismo; Redação Jornalística; Deontologia em Jornalismo; Laboratório de Jornalismo Impresso; Laboratório de Radiojornalismo; Fotojornalismo; Assessoria em Comunicação; Laboratório de Jornalismo Digital; Teorias do Jornalismo; Laboratório de Telejornalismo; Laboratório em Assessoria; Novas narrativas e produção multimídia; Projeto de Pesquisa em Jornalismo; Central Integrada de Mídias; Pesquisa da Prática em Jornalismo; Tendências Contemporâneas em Jornalismo; e TCC.

Outra instituição de ensino superior em Jornalismo em Bauru é a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), que estuda oferecer o curso com uma duração de quatro anos e meio, uma vez que nota a necessidade de se expandir a quantidade de disciplinas da grade curricular tendo como base os eixos de formação esperados do egresso e mencionados nas DCN.

Em 2019, atendendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo, teve a nomenclatura alterada para Jornalismo, não mais Comunicação Social: Jornalismo. Incluiu o estágio obrigatório em sua estrutura curricular e passou a ter carga horária correspondente a 3.090 horas/aula, com duração mínima de quatro e máxima de sete anos. Para 2020 está prevista a implantação da reestruturação curricular com mudanças significativas (...), fruto de estudos aprofundados, debates atentos às demandas sociais, éticas e profissionais. (JORNALISMO UNESP, 2019, p.1).

O plano de ensino da Unesp demorou três anos para ser produzido e em sua justificativa ressalta as divergências encontradas no mercado de trabalho e no ambiente universitário.

Enquanto o empresário deseja que o funcionário tenha o domínio da técnica e de outros conhecimentos profissionais, a universidade prepara o cidadão, compreende que a formação intelectual é um processo muito mais complexo e não considera adequado se submeter às pressões do mercado (JORNALISMO UNESP, 2019). Dessa forma, o embate de interesses pode não ter um fim próximo.

Independente desses entraves, o objetivo de se reestruturar a grade curricular é o de “alcançar a qualificação acadêmica adequada às necessidades sociais do desempenho dos profissionais de Jornalismo” (Ibidem, 2019, p. 8).

Ao analisar o espectro do ensino superior de Jornalismo em nível nacional, tem-se que o curso com maior nota no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) é o da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de acordo com o Ranking Universitário Folha (2018).

Em sua grade curricular existem 22 disciplinas obrigatórias. O diferencial do curso está em sua quantidade de opções de disciplinas optativas: são 70 somente no Departamento de Comunicação. Existem mais 15 opções no Departamento de Ciências Humanas (UFBA, 2020).

Contudo, o que torna esse panorama peculiar é que disciplinas consideradas básicas para algumas instituições são optativas para a UFBA, como Fotografia, e Assessoria de Imprensa, e a continuidade dos estudos acerca de Jornalismo Impresso, Radiofônico, Televisado e Digital por mais de um semestre. Outro ponto que diferencia a grade da UFBA são as especificidades das disciplinas optativas, como Crítica Cinematográfica, Direção e Quadrinhos.

A partir da descrição das três grandes, é possível compará-las, como é realizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Comparação entre as grades curriculares

	Unisagrado	Unesp	UFBA
Disciplinas básicas/comuns	64% da grade curricular (ante a 50% da matriz de 2016)	0 disciplinas	0 disciplinas
Disciplinas específicas	36% da grade curricular (ante a 50% da matriz de 2016)	48 disciplinas (ante 54 da matriz dos ingressantes até 2019)	22 disciplinas
Disciplinas optativas	3 opções (ante a 2 opções da matriz de 2016)	0 disciplinas	85 opções

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Tem-se aqui diferentes abordagens sobre como formar profissionais jornalistas. As diferenças e peculiaridades expostas são apenas um reflexo de suas realidades locais e que determinam como o curso será trabalhado. A UFBA, por exemplo, está localizada em uma capital

(Salvador - BA) e na região Nordeste do país. Portanto, a partir de sua grade, o que se observa é que a visão que se tem da formação ideal de jornalistas é completamente distinta de instituições localizadas na região Sudeste, especificamente do Centro-Oeste Paulista.

A Unesp, por ser uma instituição pública do Estado de São Paulo, e uma das únicas que oferece o curso de Jornalismo na região, está sujeita à infraestrutura e quadro docente providos por meio de recursos orçamentários do governo, de modo que não há recursos próprios para a implantação de cursos além dos já existentes. Da mesma forma, o Unisagrado não pode ignorar questões mercadológicas ao estruturar sua grade, pois é uma instituição privada. Ou seja, se não há alunos pagantes, não há curso.

Talvez essa seja uma justificativa para que a quantidade de disciplinas específicas tenha caído ao passo em que o número de disciplinas básicas/comuns tenha subido. Um ponto que evidencia que essa medida é um descompasso às mudanças propostas pelas diretrizes e às tendências atuais, é que as DCN de 2009 são específicas ao curso de Jornalismo, enquanto o Unisagrado caminha para uma grade generalista.

A respeito do que muito se debateu sobre as DCNs, cabe a observação feita por Meditsch (2007) de que os seres humanos não poderão ser substituídos com vantagem pelas máquinas, há a determinação da centralidade do trabalho intelectual no processo produtivo. Ou seja, se a era industrial precisava de mão-de-obra para tocar as máquinas mecânicas e elétricas, a era do conhecimento vai requerer cérebros operantes para extrair o melhor da informação eletrônica.

Contudo, a universidade tende a viver à distância da realidade: ao invés de partir dos problemas da prática para buscar respostas na teoria e devolver soluções à prática, parte da teoria, quando muito faz uma visita empírica à prática e volta a se refugiar na teoria.

Essa inversão é que provoca a impotência teórica na pesquisa, e a irrelevância de seus resultados em relação aos problemas concretos. A consequência é a negação da realidade e, como parte dela, a negação do jornalismo (MEDITSCH, 2003).

Ao contrário do que indica o senso comum, é uma maior consistência na formação específica que pode gerar uma maior adaptabilidade do profissional diante das transformações e das encruzilhadas que vai encontrar no futuro. Quem consegue dominar certas competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) de uma forma estruturada e coerente, é porque aprendeu a aprendê-las, e aprenderá outras, ainda que totalmente novas, com mais facilidade do que outro que tentou abarcar tudo e não se aprofundou em nada. Daí a importância de os projetos pedagógicos distinguirem a profissão (com suas funções exclusivas) das

eventuais ocupações (funções compartilhadas com outras profissões) que um jornalista pode exercer em sua vida laboral e social. (MEDITSCH, 2007, p. 57).

Por isso, o autor defende que não basta dar atenção às técnicas, ainda que seja atenção teórica. Na sociedade do conhecimento, mais do que nunca é necessário afirmar o Jornalismo enquanto atividade intelectual e será nisso que residirá sua possibilidade em seguir como uma profissão adaptável às transformações.

UM NOVO MODELO PARA A GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Diante de todo o arcabouço teórico e documental coletado, tem-se como resultado um esboço do que a graduação em Jornalismo poderá se tornar daqui alguns anos. Percebendo que a tendência das agências de comunicação e assessoria de imprensa é a de se obter profissionais multifacetados e que tenham conhecimento sobre diversas áreas, mas que os meios de comunicação clássicos ainda empregam jornalistas, coloca-se aqui uma grade curricular que abarca os dois mundos.

Sugere-se, a partir das transformações observadas na Comunicação e no Jornalismo, um curso de Comunicação Social com habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas com cinco anos de duração. Nos dois primeiros anos, os alunos dos três cursos teriam disciplinas comuns e optativas, como Princípios de *Marketing*, Ética em Comunicação, Sociologia e Teorias da Comunicação. Isso já ocorre na grade curricular do Unisagrado, por exemplo, mas em ordem diferente.

Do terceiro ano em diante, cada estudante seguiria para sua área de afinidade, com aulas teóricas e práticas. Para que a grade curricular não fique desatualizada, as aulas das disciplinas específicas podem ser alternadas com professores convidados e com um professor com vínculo empregatício com a instituição de ensino.

Dessa forma, é possível trazer o que tem de mais atual no mercado de trabalho à sala de aula sem a necessidade de esperar o lançamento de novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Nesse esquema, ainda se tem rigor acadêmico e científico, pois o professor designado à aquela disciplina é quem irá avaliar os trabalhos produzidos.

Assim, é possível que o aluno consolide sua opinião sobre o direcionamento que deu à sua carreira, considerando que, muitas vezes, o estudante tem de optar por uma graduação ainda

jovem. No final da graduação, todos os profissionais de Comunicação teriam a mesma base sobre as especificidades de cada curso.

Ressalta-se aqui que o modelo proposto é um apanhado de projeções identificadas por pelas autoras deste trabalho e que, para este esquema se consolidar, seria necessário realizar pesquisas de campo com personagens que seriam afetados com a mudança, como estudantes e instituições de ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o que foi exposto até então, tem-se que o objetivo proposto neste artigo foi avaliar a multiplicidade de abordagens que o Jornalismo recebe no meio acadêmico. Considera-se que as DCN de 2009 são pertinentes e vislumbram a formação de profissionais multifacetados em relação à Comunicação.

Observa-se a construção sólida de profissionais que explorem o ensino, a pesquisa e a extensão. Além do direcionamento ao destinar DCN específicas para o curso, ao contrário da primeira publicação que abarcava 11 cursos.

As diretrizes tentam acompanhar o mercado jornalístico e percebe-se tentativas louváveis ao incentivar a prática profissional ainda na graduação e a transformação do conhecimento acadêmico-científico em produtos úteis à comunidade.

Contudo, a demora para colocá-las em prática faz com que se perca o caráter inovador, tornando-o apenas óbvio em comparação com o que já é executado. Por estarem baseados em elementos extremamente mutáveis e serem reféns da tecnologia, não é possível identificar que estejam em sintonia e que se espelham simultaneamente, sem atrasos.

Nota-se que o mercado de trabalho irá se modificar diversas vezes. Por isso, seria interessante, como é colocado no modelo de graduação das autoras, pensar em novas metodologias, em como o estudante de Jornalismo pode se aproveitar de disciplinas de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas, bem como a interação com os alunos.

Vale ressaltar que a visão e os interesses de instituições de ensino públicas e privadas são distintos e justificam, inclusive, o perfil de suas grades e o que os cursos têm buscado com a formação profissional. E ao considerar que as novas diretrizes foram pensadas majoritariamente para o ensino público, enquanto a maior parte dos cursos de Jornalismo do país é proveniente da

iniciativa privada, geram tensões entre uma formação voltada para o mercado em face a uma formação voltada para a cidadania.

A atualização das grades curriculares do Unisagrado e da Unesp preveem a construção de jornalistas que tenham conhecimento de técnicas referentes aos meios de comunicação clássicos ao mesmo tempo em que evidenciam a chegada da internet como norteadora do fazer jornalístico. Isso é notado com a dispensa de algumas disciplinas para que o *Marketing*, redes sociais digitais e produtos audiovisuais tenham espaço.

Todavia, ao analisar a grade da UFBA, observa-se que o foco é formar jornalistas que possam atuar em áreas que antigamente eram inimagináveis, como cinema e animação. Desse modo, enxerga-se uma convergência sobre o que o ensino superior brasileiro prioriza. Algumas em estágio mais avançado do que outras, mas o caminho a ser seguido parece claro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação (2001). **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação (2009). **Resolução no 1 de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2009.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócio para o jornalismo digital. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 51-115, abr./jun. 2014.

JORNALISMO UNESP. **Faac Graduação**, 2019. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/#!/graduacao/cursos/jornalismo/>. Acesso em: 15 out. 2019.

MEDEIROS, Amanda F.; BOCHEMBUZO, Daniela P.. Quinto Jornalismo: perspectivas sobre a realidade atual da profissão. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 9282-9297, jan. 2021.

MEDEIROS, Amanda F.; CARRASCO, Vinicius Martins de Oliveira. **Uma análise da produção documental jornalística sob demanda na plataforma de streaming Netflix**. 2019. Monografia de Iniciação Científica – Universidade do Sagrado Coração, Bauru, 2019.

MEDITSCH, Eduardo. **A questão da prática em Paulo Freire e o projeto Universidade Aberta do Curso de Jornalismo da UFSC**, 2003. Disponível em: www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch_paulo_freire_unaberta.zip. Acesso em: 01 nov. 2022.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo**, v. 1, n. 1, p. 179-201. Disponível em: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/12>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MEDITSCH, Eduardo. Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática. **Observatório da Imprensa**, 25 fev. 2014. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teor_e_pratica/. Acesso em: 13 out. 2019.

MARQUES DE MELO, José. Desafios do ensino do jornalismo no século XXI. *In*: ALMEIDA, Fernando F.; *et al* (Orgs.). **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares**. São Paulo: Intercom, 2015. p. 12-18.

RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA. **Comunicação**, 2018. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2018/ranking-de-cursos/comunicacao/>. Acesso em 14 de março de 2020.

UFBA. **Faculdade de Comunicação**, 2016. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/portal2017/pagina/11/jornalismo>. Acesso em: 14 mar. 2020.

UNISAGRADO. **Curso de Bacharelado em Jornalismo**, 2020. Disponível em: <https://unisagrado.edu.br/graduacao/jornalismo>. Acesso em: 14 mar. 2020.